

Religião, política e arte: A criminalização das mulheres transexuais na Malásia e os quadrinhos como ferramenta de mudança social

Talita Sauer Medeiros¹

Algumas expressões artísticas ultrapassam intenções estéticas, expressivas ou de entretenimento, estando ligadas ao desejo de provocar ou explicar uma causa. A estas obras, que nascem da união entre arte e política, se dá o nome de Artivismo², uma junção das palavras arte e ativismo. Um bom exemplo, é o quadrinho *Not A Crime!* de 2014, do malaio Kazimer Lee Iskander, o qual é produzido deliberadamente com a intenção de amplificar, sensibilizar e problematizar uma causa para a sociedade: a situação das mulheres transexuais³ na Malásia.

A Malásia é um país de maioria muçulmana, cuja política e religião seguem lado a lado. Sobretudo, quando em 1980 o primeiro-ministro Mahathis introduziu o conceito de *incorporação da ética islâmica no governo*, desencadeando, dentre outras coisas, repressões às identidades consideradas *desviantes*. Iskander parte de um caso específico – a prisão de dezessete mulheres transexuais enquadradas pelo crime de *personificar uma mulher* – para discutir a condição das transexuais no país de forma mais ampla, expondo o corrente assédio policial às mulheres transexuais e destacando a importância de organizações LGBTQ (como a *Justice For Sister* – JFS), na luta pelos direitos dessas mulheres. Neste contexto, o Artivismo, definido por Júlia Tavares (2003), como “um misto de revolta, inconformismo e incômodo que pode ser canalizado para a ação. Ação através da arte em suas mais diversas expressões” (TAVARES, 2013, s/p), surge estimulando discussões sobre a concepção binária de gênero, os processos identitários interseccionais, a incorporação de

¹ Doutoranda em História pelo PPGH/ UFSC. Bolsista CAPES. Orientadora: Maria Bernardete Ramos Flores. Endereço eletrônico: medeiostali@gmail.com

² São também usadas as grafias A(r)tivismo, Arrivismo, Ar(r)ivismo.

³ Embora o termo transexual abranja um grupo diversificado de pessoas, as quais não se identificam, em graus diferentes, com comportamentos e/ou papéis esperados do gênero que lhes foi determinado em seu nascimento, Iskander discute em especial a situação das mulheres transexuais em seu país. Ou seja, pessoas que reivindicam o reconhecimento social e legal como mulher, a despeito da classificação biológica masculina que lhes foi atribuída (baseada em características orgânicas como cromossomos, níveis hormonais, órgãos reprodutivos e genitais) (Cf. JESUS, 2012, p. 27).

fundamentalismos religiosos na política e atuando na reclamação de direitos civis e criminalização das pessoas transexuais.

Assim, o propósito da comunicação apresentada no *3º Simpósio Sul da Associação Brasileira de História das Religiões* e, por extensão, deste artigo é através da obra *Not A Crime!* desenvolver um debate acerca da arte e dos quadrinhos como veículo de discussões sociais e políticas, nos quais arte e política se unem, partindo da premissa dos artistas “de que não há diferença entre discurso artístico e a vivência social” (LIMA, 2003, s/p), para discutir a potencialidade da arte enquanto ferramenta para mudanças sociais e políticas.

O autor de *Not A Crime!* é Kazimer Lee Iskander, um cartunista, ilustrador e bacharel em animação, com forte interesse pelo ativismo. Iskander nasceu na capital da Malásia, Kuala Lumpur, e residiu no país até seus 12 anos, quando foi enviado pelos pais para um internato na *Tonbridge School* na Inglaterra, onde começou a se desenvolver artisticamente. Posteriormente, morando nos Estados Unidos, graduou-se em 2008 em Minneapolis, como bacharel em animação, na instituição de ensino *Minneapolis College of Art and Design*. Foi em Minneapolis que Iskander começou a se envolver com grupos feministas e acirrar suas posições políticas. Em 2010 voltou para a Malásia em busca de trabalho, onde atuou como animador *freelancer*, criando jogos para Ipad. Lá envolveu-se com grupos malaios feministas, *queer* e de direitos dos imigrantes. Em 2014 decidiu fazer mestrado na *The Center for Cartoon Studies - CCS*, e mudou-se para Vermont. Segundo o autor, buscando “uma vida mais confortável onde pudesse ganhar a vida fazendo quadrinhos” (ISKANDER apud SARI, 2016, s/p). Atualmente Iskander reside em White River Junction, Vermont, nos Estados Unidos da América.

As obras de Iskander possuem um fundo politicamente consciente, o autor – um homem cis gênero⁴ – se considera feminista. Ele estava em Kuala Lumpur, capital da Malásia, quando foi informado acerca da prisão de algumas mulheres transexuais em Jempol. Iskander já havia desenvolvido trabalhos juntamente com a transativista Thilaga Sulathireh (membro da *Justice For Sisters – JFS*), para outra ONG esquerdista, a *Food Not Bombs*. Assim, envolvido na cena do ativismo da Malásia, Iskander estava na lista de correspondências do JFS e foi informado sobre as prisões

⁴ O termo cisgênero, ou cis é usado para denominar pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi atribuído ao nascer.

em Jempol logo na noite em que ocorreram. Decidiu então que sua maneira de ajudar e expor o que estava acontecendo era fazer uma história em quadrinhos sobre as prisões. Como pontua Rodrigo Miranda (2013), a arte ativista interconecta a expressão artística com o ativismo político. Permitindo uma reação por parte das minorias e dos setores marginalizados da sociedade⁵ no momento em que estes grupos expressam suas indignações por meio da arte, como um ato político. Paulo Raposo (2015), traz a definição de Artivismo como:

(...) um neologismo conceitual ainda de instável consensualidade quer no campo das ciências sociais, quer no campo das artes. Apela as ligações, tão clássicas como prolixas e polêmicas entre arte e política, e estimula os destinos potenciais da arte enquanto ato de resistência e subversão. Pode ser encontrado em intervenções sociais e políticas, produzidas por pessoas ou coletivos, através de estratégias políticas e performativas (RAPOSO, 2015, p.5).

De acordo com a colocação de Raposo (2015), podemos entender o Artivismo como criações estéticas com intenções de ações políticas. Assim, o Artivismo pode ser compreendido como a denominação dada a ações sociais e políticas, produzidas por pessoas ou coletivos, que se valem de estratégias artísticas, estéticas ou simbólicas para amplificar, sensibilizar e trazer problematizações para a sociedade. Ou seja, é a produção artística que se origina do desejo de expor, questionar ou incitar uma causa. Como pontua Rodrigo Miranda (2013), a “produção artística confere ao repertório do ativismo uma gama de estratégias de expressão de símbolos e comunicação de ideias, permitindo modalidades sensíveis de intervenção política, além de opções pacíficas de retaliação e resistência” (MIRANDA, 2013, s/p). E é nesse viés de resistência pacífica através da exposição do caso ocorrido na Malásia utilizando-se da forma narrativa da história em quadrinhos, que Iskander desenvolve sua obra, movido por um desejo de conscientização e possível ação acerca das repressões sofridas pelas transexuais em seu país.

5 Grupos marginalizados (no sentido de estarem à margem do funcionamento do sistema socioeconômico) e minorias (não no sentido quantitativo demográfico, mas de acesso a direitos civis e recursos).

Ao falar sobre o porquê de achar os quadrinhos uma boa ferramenta para falar de política do corpo e ativismo, Iskander declara que: “os quadrinhos podem ser uma mistura verdadeiramente emocionante de linguagem cinematográfica, ilustração e literatura” (ISKANDER, 2016, s/p). Enfatiza que “interromper a estrutura da mídia que consumimos pode ser realmente bom se você estiver tentando efetuar mudanças



sistêmicas” (ISKANDER, 2016, s/p). Diz ainda que sua intenção é “chegar a uma ampla audiência e divertir as pessoas enquanto se envolvem com suas políticas”, além de “fazer uma ótima arte e reunir as pessoas, e fazê-las rir e chorar” (ISKANDER, 2015, s/p).

Not A Crime! foi publicado na revista online *Slate* em 2014. E conta uma história ocorrida no distrito de Jempol, no Estado de Negeri Sembilan, na Malásia, em 2014. Trata-se de um episódio de discriminação enfrentado

por um grupo de mulheres transexuais. Ao lado, o mapa da Malásia, em destaque Negeri Sembilan, local onde ocorreu o incidente.

Para entendermos melhor as personagens protagonistas da história de



Iskander e os preconceitos sofridos por elas, podemos partir de nosso próprio país, a partir da pontuação da brasileira Julia Serano, que ao falar de sua identificação de gênero, esclarece que “como alguém que foi designada masculina ao nascer, mas que vive e identifica-se como feminina, eu devo ser descrita como uma mulher transexual, mulher transgênera ou mulher trans”. (SERANO apud DUMARESQ, 2014, s/p).

Ou seja, *transexual* é um conceito que abrange as pessoas que não se identificam

com o gênero que lhes foi atribuído ao nascer, estando relacionado a identidade e não ao sexo biológico ou a orientação sexual⁶.

Iskanker relata (conforme quadrinho da imagem 2, retirado da obra *Not A Crime!*⁷) que no dia nove de junho de 2014, trinta mulheres transexuais estavam se preparando para comparecer a um casamento. A festa transcorreu animadamente durante boa parte da noite. Contudo, o que ninguém sabia era que à paisana, oficiais da polícia religiosa estavam misturados aos convidados (Imagem 3). Os quais, próximo à meia-noite, irromperam nervosamente, parando a música e dando voz de prisão a boa parte das convidadas. Na ocasião dezessete mulheres transexuais, que estavam na festa, foram presas pela polícia islâmica pelo crime de *posing as women* - *personificar/ representar uma mulher*.

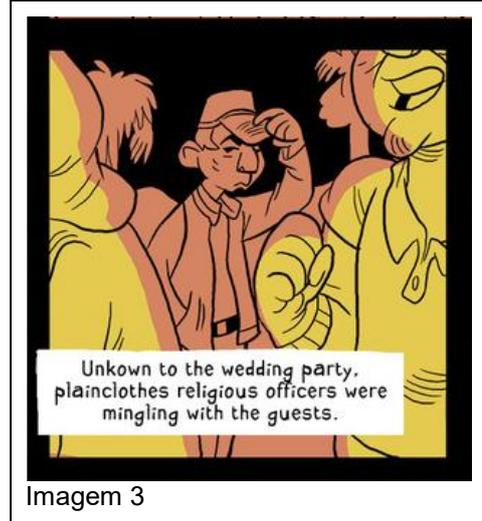


Imagem 3

⁶ Uma leitura importante para um melhor entendimento acerca das várias dimensões que compõem a identidade de gênero, é a obra de Judith Butler (2003), na qual a autora discute os limites do gênero e suas performances esmiuçando as relações entre sexo, gênero e desejo. Recorrendo a teorias psicanalíticas, feministas e pós-estruturalistas Butler formula suas teorias sobre a questão da identidade, questionando as determinações do gênero e seu conceito calcado num pensamento binário e heterossexual.

⁷ Com exceção da primeira imagem, retirada do google maps, todas as demais (Imagens 2 a 12) foram retiradas da obra ISKANDER, Kazimir Lee. *Not A Crime!* 2014. Disponível em: <http://www.kazimirlee.com/not-a-crime.html> Acesso em: 25 set. 2017.

A obra de Iskander é bem informativa. A história é dependente dos fatos, como uma espécie de *jornalismo em quadrinhos*, o autor baseia-se no fato real da prisão e utiliza-se de vários trechos de entrevistas reais que fez com pessoas envolvidas no



Imagem 4

caso. Como, por exemplo, na cena retratada no primeiro quadro da imagem 4, no qual Joseph Goh, da *Gender & Sexuality Studies at Monash University*, fala acerca da visão sobre as mulheres transexuais ao longo do tempo na Malásia. O quadrinho de Iskander possui múltiplo níveis, já que em primeiro

plano são apresentadas cenas da vida cotidiana das personagens e o caso ocorrido com elas, mas o que se passa ao fundo são fatos históricos, políticos e religiosos do contexto malaio. Em determinado momento o autor faz uma digressão acerca da questão: a Malásia sempre foi hostil com as pessoas trans? Expondo que embora atualmente o cenário não seja nada favorável, nem sempre as pessoas transexuais foram vistas de forma negativa no país. Através da entrevista de Joseph Goh é discutido como as pessoas transexuais foram, há muito tempo, tidas como figuras importantes no arquipélago malaio. Pontua que no século XIX as pessoas trans (Manang Bali ou Iban chamanes como eram conhecidas) eram curadores respeitáveis e líderes locais. Vistos por muitos, como figuras sobrenaturais. Mas o colonialismo alterou a visão acerca da fluidez do gênero no Sudeste Asiático (imagem 4).

Segundo Iskander, tudo mudou quando os britânicos colonizaram a Malásia. A



Imagem 5

partir da separação do sistema legal em dois grupos – leis civis e leis islâmicas. As leis civis governavam coisas como ofensas criminais e tráfico (comércio), que funcionava sob a supervisão britânica. Em retorno, os britânicos deram aos Sultões um poder limitado sobre os costumes malaios – a

lei islâmica.

Quando a Malásia conseguiu sua independência em 1957, leis civis e leis islâmicas permaneceram separadas. Daí surge um confuso *dual system*. O sistema islâmico tornou-se conhecido como *Shariah courts* (tribunais de Shariah). Porém, com o passar do tempo, a face da lei islâmica vai mudando para algo muito mais populista e extremo. Sobretudo, quando em 1980, o primeiro ministro Mahathir introduziu o conceito de *incorporação da ética islâmica no governo* (imagem 5). Antes disso a *Shariah Court* lidava na maioria das vezes com casos benignos de direito da família, mas Mahathir começou um novo tipo de pânico da moral islâmica na Malásia.

Não muito tempo depois, a cirurgia de redesignação sexual foi proibida. Então as pessoas passam a ter que viajar para a Tailândia ou Indonésia para fazer a transição. A punição para mulheres transexuais, entendida como uma ofensa quando vistas em lugares públicos, segundo a seção 66 do código da *Shariah*, fica prevista como uma condenação a uma multa que não exceda mil *ringgit* ou a uma detenção por prazo não superior a seis meses/ ou a ambos. As mulheres presas em Jempol são enquadradas nesta seção 66 que prevê que: “Qualquer (muçulmano) homem, que, em qualquer lugar público vestir-se como mulher ou posar como mulher será culpado por ofensa” (imagem 6).



Outro recurso utilizado por Iskander é lançar mão de opiniões reais (imagem 7) proferidas publicamente por líderes como o ex-deputado e primeiro-ministro Muhyiddin Yassin que diz que “O movimento dos direitos LGBT é uma ameaça ao islam apoiado por ‘influências estrangeiras’” e um membro do Johor Islamic religious committee o qual relata que “LGBTs existem no Ocidente, para que as pessoas más possam ser purgadas, deixando apenas as pessoas boas para herdar a Terra. Os transgêneros não vivem muito”. Assim, Iskander discute como as prisões de Jempol não foram um caso isolado, mas representativas de opiniões correntes no país. Relata que: “opiniões como essas circulavam por aí. Eu me surpreendo que essas prisões violentas não acontecem ainda mais” (ISKANDER, 2014, p.8).

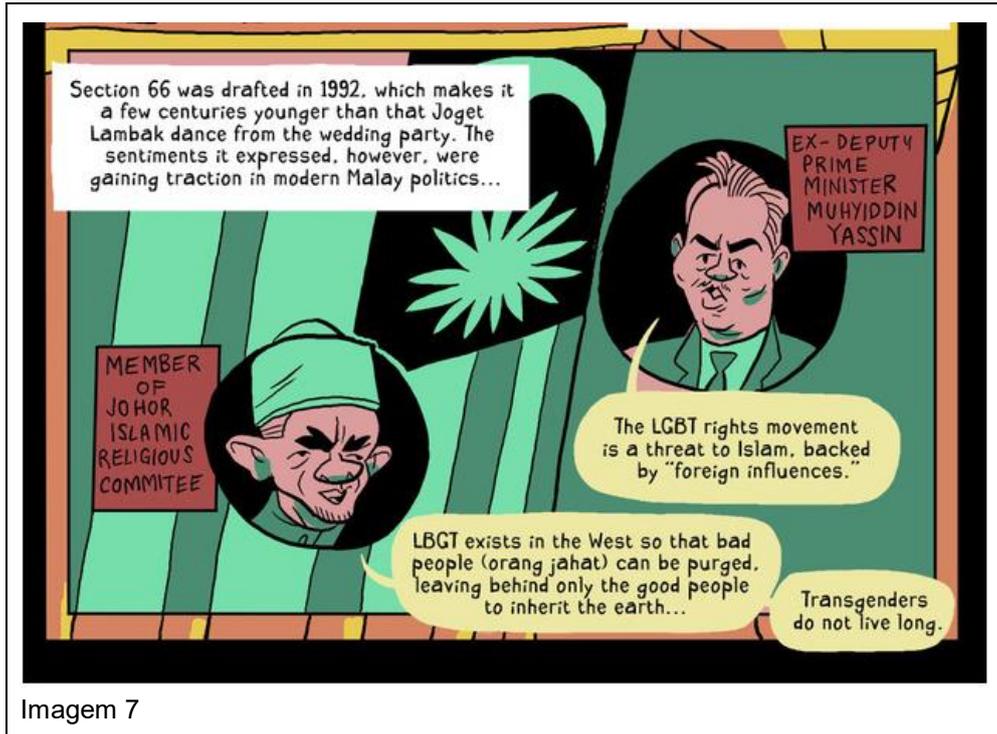


Imagem 7

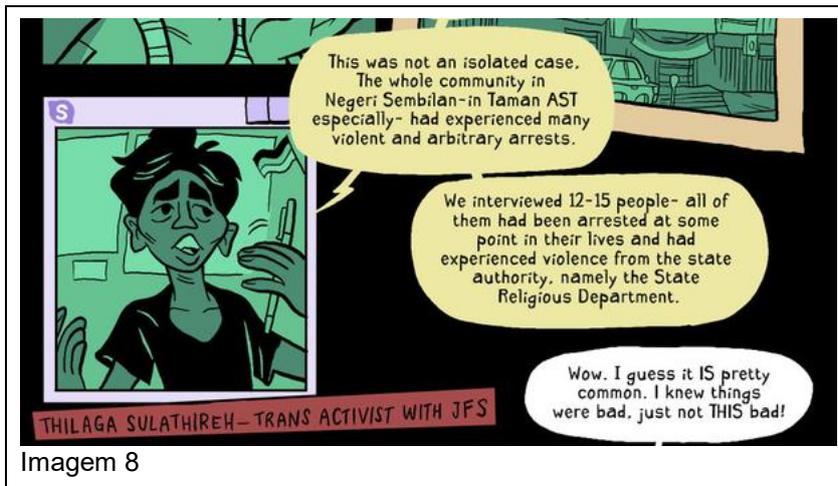


Imagem 8

Contudo, utiliza-se de uma entrevista com a ativista Thilaga Sulathireh para contrapor sua própria colocação e demonstrar como esses casos são habituais na Malásia. Segundo Sulathireh, toda a comunidade de

peças trançêneras em Negeri Sembilan já teve contato com muitas prisões violentas e arbitrárias. A ativista relata que entrevistou uma dezena de pessoas e todas foram presas em algum momento de suas vidas e tiveram experiências de violência por parte do estado autoritário, nomeado departamento religioso do estado.

Das mulheres presas em Jempol, 16 delas foram condenadas a pagar multas de 950 ringgit (USD 260) cada uma e a sete dias de prisão. Havia uma menor de idade detida também, a menor entre elas foi condenada a frequentar



Imagem 9

aconselhamento religioso por um ano. Contudo, foi definido que a sentença seria arredondada para seis meses caso a fiança não fosse paga dentro de uma semana



Imagem 10

(imagem 9). Essa questão é muito delicada, pois a fiança era muito alta para essas mulheres. Iskander discute as violências (para além da falta de liberdade a que são submetidas essas mulheres), como o fato de serem alojadas em uma prisão masculina, correndo o risco de sofrerem alguma violência sexual e sem acesso à terapia hormonal e o constrangimento perpetrado pelos agentes do Estado, como a cena retratada na imagem 10, na qual dois guardas penitenciários apontam o dedo

(imagem 9). Essa questão é muito delicada, pois a fiança era muito alta para essas mulheres. Iskander discute as violências (para além da falta de liberdade a que

para duas mulheres presas, dizendo frases como: “Por que você não consegue ser um homem de verdade?” ou “Ser você é um pecado”.

Iskander criou o quadrinho para mostrar aos leitores ocidentais o quanto a liberdade e a democracia na Malásia são delicadas. “Nossa democracia não está funcionando corretamente e há muita homofobia e supremacia racial” (ISKANDER apud SARI, 2016, s/p).

Mas, além de expor como as pessoas transgêneras são assediadas na Malásia, a intenção de Iskander é mostrar a eficácia das organizações LGBTQ presentes no país, mostrar o ativismo que acontece na Malásia. “Eu realmente queria fazer um trabalho que mostrasse que na verdade havia muitas pessoas maravilhosas trabalhando para lutar contra o fanatismo e o fundamentalismo a cada dia” (ISKANDER, 2015, s/p). Conforme Kymelia Sari (2015) alguns o acusaram de expor uma imagem negativa da Malásia, mas Iskander destaca que a HQ tem a intenção de mostrar a força do ativismo. Como por exemplo, a atuação do grupo ativista transgênero *Justice For Sisters*, que arrecadou com sucesso o dinheiro para pagar as multas e custos legais das mulheres presas em Jempol e conseguiu tirá-las da prisão. Assim, Iskander desenvolve sua história em duas frentes, mostrando como as pessoas transexuais são assediadas na Malásia, mas também, a eficácia das organizações LGBTQ e do ativismo malaio.

Segundo o autor, ele gostaria de colaborar no sentido de dar visibilidade aos grupos marginalizados no país. “Faltam debates públicos e produtos culturais que evidenciem a existência de inúmeras identidades de gênero. Quem não existe para uma sociedade, não tem como proteger a si e a outrxs que estão expostos a uma violência diária” (ISKANDER, 2015, s/p).

Assim, a obra de Iskander colabora ativamente para expor e tentar mudar uma situação de opressão, se não fosse por seu trabalho, provavelmente a notícia dessas prisões e do assédio corrente a que são submetidas as mulheres transexuais na Malásia não chegaria a lugares como os Estados Unidos (onde a obra foi lançada) ou a ser discutido num simpósio acadêmico no Brasil. O que nos incita a refletir sobre nosso próprio contexto, afinal, por aqui também a população transgênero é estigmatizada devido a crença de alguns setores da sociedade numa suposta *anormalidade* dos que não se comportam de acordo com o que se julga pretensamente *adequado* ao que se espera socialmente de seu sexo biológico

(masculino/ feminino), submetendo essas outras identidades a marginalizações e diversas violências⁸ (físicas, psicológicas e simbólicas). Assim, a partir do ativismo de Iskander devemos estar atentos ao nosso próprio contexto, para que não aconteça por aqui a triste cena desenhada pelo autor (imagem 11), na qual as mulheres presas em Jempol estão sendo colocadas na traseira de um caminhão para serem conduzidas a prisão e na legenda se lê: “*Arrested for existing*” / “Presas por existir”.

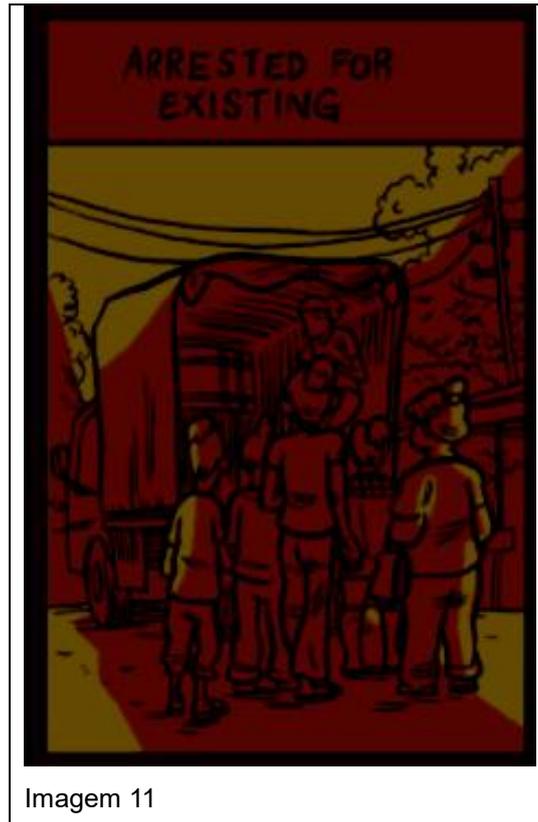


Imagem 11

Referências:

- BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- DUMARESQ, L. O cisgênero existe. In: *Trasnliteração*. 2014. Disponível em: <http://transliteracao.com.br/leiladumaresq/2014/12/o-cisgenero-existe/> Acesso em: 9 dez. 2017.
- ISKANDER, Kazimir Lee. *Not A Crime!* 2014. Disponível em: <http://www.kazimirlee.com/not-a-crime.html> Acesso em: 25 set.2017.
- _____. Entrevista. In: *Not A Crime! An Interview with Kazimir Lee Iskander*, 2015. Disponível em: In: <http://singaporecomix.blogspot.com.br/2015/09/not-crime-interview-with-kazimir-lee.html> Acesso em: 25 set. 2017.

⁸ De acordo com a organização internacional *Transgender Europe*, no período de três anos entre 2008 e 2011, trezentas e vinte e cinco pessoas trans foram assassinadas no Brasil. A maioria das vítimas são as mulheres transexuais e as travestis. Até meados de 2012, segundo levantamento do Grupo Gay da Bahia, noventa e três travestis e transexuais foram assassinadas (JESUS, 2012, p.11).

- _____. Entrevista. In: LI, Katie. *“Creating Comics With Kazimir Lee Iskander”*, 2016. Disponível em: http://www.huffingtonpost.com/katie-li/creating-comics-with-kazi_b_12198568.html Acesso em: 25 set. 2017.
- JESUS, Jaqueline Gomes de. *Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos*. Brasília: Jaqueline Gomes de Jesus, 2012.
- Justice for Sisters (JFS). Disponível em: <https://justiceforsisters.wordpress.com/> Acesso em 25 set. 2017.
- LIMA, Eugênio. Arte e Auto Representação. In: *Anais I Congresso Internacional de Ar(r)ivismo*. São Paulo, Casa dos Artistas, 2003.
- MIRANDA, Rodrigo. *Ativismo Artístico, a arte como protesto político*. Rio de Janeiro, Julho de 2013. Disponível em: <https://coletivorepensado.wordpress.com/2013/07/23/ativismo-artistico-a-arte-como-protesto-politico/> Acesso em: 04 out. 2017.
- RAPOSO, Paulo. “Artivismo”: Articulando dissidências, criando insurgências. In: *Cadernos de Arte e Antropologia*. vol. 4, nº 2, p. 3-12, 2015.
- SARI, Kymelia. A Malaysian Cartoonist in Vermont Draws on His Culture. In: *Vermont’s Independent Voice*. Maio, 2016. Disponível em: <https://www.sevendaysvt.com/vermont/a-malaysian-cartoonist-in-vermont-draws-on-his-culture/Content?oid=3333940> Acesso 25 set. 2017.
- SULATHIREH, Thilaga. *Faces of Malaysia: Thilaga Sulathireh, Community Organizer and Researcher for “Justice for Sisters”*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PFJBqlfvB0k> Acesso em: 23 out. 2017.
- TAVARES, Júlia. Arte vem às ruas e faz barulho com humor, crítica e denúncia. In: *Anais I Congresso Internacional de Ar(r)ivismo*. São Paulo, Casa dos Artistas, 2003.
- THOMAS, June. *Not a Crime: A Gorgeous, Stirring Cartoon About the Status of Trans People in Malaysia*. Disponível em: http://www.slate.com/blogs/outward/2015/08/07/transgender_in_malaysia_cartoon_about_the_jempol_arrests.html Acesso em: 25 de set. 2017.